**O Eixo Ego-Self e uma refém em cativeiro**

Naíra Teixeira Schwarzstein

Tutor: Roque Tadeu Gui

Brasília

Fevereiro de 2020

**Resumo**

Este artigo se propõe analisar o livro autobiográfico da austríaca Natascha Kampush *3096 dias*, sob a perspectiva do eixo ego-Self. Em seu livro Natascha apresenta os horrores sofridos e também os recursos usados para sobreviver fisicamente e psiquicamente ao longo dos 8 anos e meio em que ficou sequestrada. O foco do artigo são os trechos do livro em que se observa uma clara manifestação do Self em profunda relação com o ego. O arquétipo do Self exerceu sua função de orientação, atuando com o objetivo de salvaguardar a integridade do ser nos anos limites em que Natascha foi privada da liberdade e da convivência com outras pessoas além de seu sequestrador.

**Palavras-chaves**: Eixo ego-Self, Natasha Kampush, Sequestro, Individuação

**Natascha Kampush**

A austríaca Natascha Kampusch foi sequestrada em seu caminho para escola em 1998, quando tinha 10 anos. Ela foi mantida em cativeiro por Wolfgang Priklopil por 8 anos e 5 meses. Aos 22 anos, 4 anos após fugir de seu cativeiro, Natascha escreveu suas memórias destes anos de clausura. A análise deste artigo será baseada exclusivamente neste livro: *3096 dias*.

Wolfgang manteve Natascha em um pequeno porão embaixo de sua garagem. O cativeiro tinha apenas 5m2 e era todo isolado acusticamente com uma porta de concreto. Depois de 6 meses do sequestro ele permitiu que ela subisse para o andar de cima e realizasse algumas tarefas domésticas sob sua supervisão. Durante estes 8 anos Natascha sofreu todo tipo de opressão por seu sequestrador. Quando avaliava que ela não tinha se comportado conforme os seus rígidos padrões obsessivos ele a punia deixando-a sem comida por dias e trancada no cativeiro subterrâneo sem acender as luzes. Wolfgang a agredia com socos, pontapés e estrangulação. Além de toda a tortura e abuso psicológico. Natascha opta por não relatar as agressões sexuais sofridas e as nomeia de “assédios sexuais menores”, que segundo ela faziam parte dos abusos diários (Kampusch, 2010, p. 149).

**Desenvolvimento do Eixo Ego-Self**

Neumann (1995, p. 9) destaca o fato de que no mundo animal o ser humano é o único que não nasce completamente formado para sobreviver no mundo extrauterino. Por isso o bebê humano terá aproximadamente um ano para complementar seu amadurecimento psíquico e físico iniciado no útero materno. Será um período de intensa relação mãe[[1]](#footnote-1)-filho. E mesmo antes do nascimento esta criança já estará sob a tensão de duas forças opostas, a adaptação à coletividade, às expectativas criadas em relação à esse indivíduo em formação e a necessidade de criar sua própria identidade a partir de suas características particulares.

A relação mãe-filho traz à tona uma importante ligação recíproca entre o desenvolvimento do ego e o desenvolvimento da personalidade como um todo (Neumann, 1995, p. 10). Ou melhor, esta relação primal vai estabelecendo a formação do Eixo Ego-Self. O Self como o centro ordenador e unificador da psique total (consciente e inconsciente), e o ego como o centro da personalidade consciente (Edinger, 1972, p. 22).

Os dois centros da psique humana, o ego e o Self, tem uma relação de suma importância e de alta complexidade. Para entender bem esta relação é essencial que partamos do princípio de que inicialmente, no desenvolvimento da psique, há o inconsciente e só depois se forma a consciência. Portanto, são as leis do inconsciente que regem o desenvolvimento do ego e da consciência (Neumann, 1995). O Self constitui, consequentemente, a autoridade psíquica superior, mantendo o ego sujeito ao seu domínio (Edinger, 1972, p. 22).

O estado psíquico original, pré-ego, foi chamado, por Neumann (1995, p. 11) de fase urobórica. Esse termo refere-se à imagem da serpente que morde a própria cauda, num movimento circular, caracterizando uma unidade sem início, nem fim, isto é, sem opostos. É desta “mandala” que emerge o ego individual. Nesta fase o ego ainda está contido no Self (Figura 1).

Portanto, neste estágio, a totalidade da criança é a mãe, que pode ser compreendida pelo conjunto de relações e cuidados maternais como a alimentação, atenção, higiene etc. O Self da mãe é, consequentemente, essencial nesta etapa, pois, transforma-se em veículo para constelação do Self da criança.

Figura 1: Diagrama que representa a dinâmica de formação do eixo ego-Self. (Edinger, 1972, p. 24)

Edinger (1972), ressalta os limites do diagrama (Figura 1), que tem uma finalidade didática. O diagrama é uma representação gráfica das fases encadeadas do desenvolvimento psicológico. A primeira fase é o estado urobórico descrito por Neumann. Nas fases 2 a 4 o ego vai emergindo da inconsciência e perdendo sua identidade com o Self, até atingir sua completa consciência. Contudo, ao longo do desenvolvimento psicológico há uma alternância cíclica entre a união do ego-Self e separação ego-Self (Edinger, 1972, p. 24). Quando Natascha foi sequestrada aos 10 anos de idade, ela ainda encontrava-se na fase 2 do diagrama, já tendo saído do estado original de identidade total entre o ego e o Self e iniciando a emergência do ego do Self.

**Natascha Kampush e o Eixo Ego-Self**

Aos 12 anos, Natascha tem um diálogo consigo mesma tendo 18 anos de idade. O trecho começa: “Eu queria um adulto, uma pessoa que pudesse vir me salvar. Mas ninguém sabia onde eu estava. A única possibilidade era ser meu próprio adulto.” (Kampusch, 2010, p. 136). Observa-se nesta afirmação uma passagem da visão urobórica, infantil de projeção do Self em um adulto, geralmente as figuras maternas ou paternas, para uma segunda fase precoce de internalização consciente do Self. Ela continua:

Antes eu já havia encontrado conforto imaginando como minha mãe me encorajaria. Agora, assumia seu papel e tentava transferir um pouco de sua força para mim. Imaginei Natascha adulta, me ajudando. Minha vida inteira passou diante de mim como um feixe cintilante de tempo que se estendia até o futuro. Lá estava eu aos 12 anos. E, diante de mim, me vi aos 18. Grande e forte, confiante e independente, como as mulheres de meu romance. Meu eu de 12 anos lentamente seguiu na direção do feixe enquanto meu eu adulto vinha em minha direção. Na metade do caminho, meus dois eus se deram as mãos. O toque era macio e quente e, ao mesmo tempo, eu sentia a força do eu adulto sendo transferida para o mais jovem. A Natascha adulta abraçou a Natascha menor, que nem tinha mais esse nome[[2]](#footnote-2), e a confortou, dizendo: - Vou tirar você daqui, prometo. Você ainda não pode fugir, porque é muito pequena. Mas, quando tiver 18 anos, vou dominar o sequestrador e libertar você desta prisão. Não vou abandoná-la. Naquela noite, fiz um pacto com meu próprio eu mais velho. E mantive a palavra. (Kampusch, 2010, p. 136 e 137)

Uma orientação interna autônoma. O ego tem uma experiência de algo superior a si, que pode ser descrita como uma voz interior. Os mecanismos de defesa, neste caso, provêm do Self. O ego estava desesperançoso e em estado de desespero devido a situação de sua vida naquele momento. Então, ela tem a experiência desta voz que vem lhe dizer: "Há esperança, há saída", esta voz é uma manifestação do Self. Essa relação é chamada de eixo ego-Self. É a relação contínua e inteira entre ego e Self. Admite-se que essa relação dinâmica constitui a característica fundamental do Self. Assim, o ego vai crescendo sobre a base desse processo (Golfeto, 1989). O Self guiando e protegendo. Acredito que foram momentos como esse, evidências de seu desejo de viver, que a mantiveram viva e psiquicamente inteira. E, de fato, Natascha fugiu de seu cativeiro alguns meses após completar 18 anos, como prometido.

Neste trecho também é possível observar que, por alguns anos, Natascha projetou o Self na imagem materna. É um processo natural do desenvolvimento, portanto não patológico. O maior perigo está na projeção da sombra dos pais na criança, que tem um potencial de danificar a relação do ego com o Self. O ego da criança experimentaria um sentimento de rejeição, incapacidade e contínua inferiorização como se vindo do próprio Self; este seria um caso mais grave na infância.

Ao descrever sua vida familiar antes do cativeiro, percebe-se várias fragilidades na sua relação tanto com a mãe quanto com o pai. Essas relações frágeis podem ter resultado em sua constante batalha com a autoestima. Porém, para a formação de sua mãe arquetípica, Natascha assimilou referências de outras mulheres, tais como sua avó, além de mulheres de livros e filmes. Como é evidenciado no trecho acima em que ela afirma “Grande e forte, confiante e independente, *como as mulheres de meu romance”* (p. 136).

Há vários momentos ao longo do livro em que Natascha dá indícios de um eixo ego-Self íntegro. O eixo deve estar “relativamente intacto se se pretende que o ego suporte as tensões e cresça” (Edinger, 1972, p. 67). Outro trecho (Kampusch, 2010, p. 147):

Foi necessária uma força tremenda para permanecer constante em meu comportamento em relação a ele durante todo o período do cativeiro. Sempre resistindo, sempre dizendo não, sempre me defendendo dos ataques e explicando claramente que ele fora longe demais e que não tinha o direito de me tratar daquele jeito. Mesmo em dias em que eu parecia ter desistido de mim mesma, sentindo-me completamente desprezada, não podia demonstrar fraqueza.

Por fim, mais um trecho que mostra a força do seu Self em contato direto com seu ego. Após reproduzir uma sequência de descrições dos horrores sofridos em cativeiro, ela afirma (Kampusch, 2010, p. 181):

Esse era o horror de uma única semana, que se repetiu inúmeras vezes... Então falava com meu *outro eu*, que esperava por mim e me levaria pela mão, não importava o que acontecesse. (...) Se eu me olhasse por tempo suficiente, poderia ver meu eu forte refletido em meu rosto.

Ela fala em um segundo “eu”, um eu forte. É o Self dirigindo seu processo de desenvolvimento psíquico, seu guia na escuridão. “O que me ajudava na época eram as conversas com meu *segundo eu* e minhas anotações.” (Kampusch, 2010, p. 184). Em outros momentos surge como uma voz “Seria tão mais fácil entregar os pontos. Era como uma corrente que me arrastava inexoravelmente para as profundezas, enquanto eu ouvia minha própria voz sussurrando: *É um mundo perfeito. É um mundo perfeito. Está tudo bem. Nada pode dar errado.*” (Kampusch, 2010, p. 202).

Esta voz surge como uma função compensatória em favor da totalidade. Repetidamente o Self, surge como num chamado emergencial para ordenar e equilibrar o centro da consciência, o ego (Golfeto, 1989). É a relação dinâmica e recíproca entre os dois, se o ego está num movimento unilateral para a dúvida, ceticismo, desilusão e desânimo, o Self tende a vir com mensagens de fé, ânimo e esperança.

Durante seu tempo em cativeiro, Natascha teve algumas tentativas de suicídio. O suicídio costuma ser uma saída literalizada do momento de tensão e desespero. As tentativas evidenciam que para sua alma uma morte devia acontecer, mas não necessariamente a morte física. O suicídio, como qualquer ato desta magnitude, terá um significado único para cada indivíduo em seu próprio contexto. As tentativas de suicídio poderiam ser interpretadas como um cisão do eixo ego-Self. Porém, no caso de Natascha, as tentativas de suicídio são mais um sinal de inteireza do eixo ego-Self. Afinal, ela vivia em condições desumanas e sob constantes agressões físicas e psicológicas. Ela mesma afirma: “Simplesmente desaparecer no nada distante, onde não havia dor, nem sentimentos, na época me pareceu um ato de autonomia... Tirar minha própria vida era meu último trunfo” (Kampusch, 2010, p. 168). Pessoas com um eixo ego-Self fraco são aquelas que negam, mentem para si mesmas, o oposto do que Natascha fez ao longo de seu tempo em cativeiro e nos anos após.

Natascha afirma com muita clareza e consciência sobre seu sequestrador: “Ao vê-lo como um ser humano, com um lado escuro e outro um pouco mais claro, também pude me manter humana, porque ele era incapaz de me derrotar” (Kampusch, 2010, p. 153). Enquanto humanos, vivemos situações-limite de difícil superação, que nos remetem à nossa condição mortal. A necessária conscientização da existência de luz e escuridão em nós e nos outros é uma premissa do caminho da individuação, que parece ser o caminho de Natascha Kampush.

**Considerações Finais**

Ao longo de toda a narrativa de seus anos em cativeiro Natascha demonstra uma surpreendente capacidade de elaboração e integração dos traumas vividos. E isso inclui os períodos de incertezas interiores e de desorientação. Após sua fuga ela luta bravamente contra rótulos simplificadores e vitimizadores como a síndrome de Estocolmo, para explicar sua complexa experiência.

A experiência psíquica tem dois polos, um consciente e outro inconsciente, e o inconsciente é o nosso grande guia, amigo e conselheiro. Cabe a nós estar receptivos ao diálogo entre eles na busca por uma vida mais ampla e amadurecida. Permanece um mistério o que leva alguns indivíduos terem um diálogo mais íntimo com o princípio da totalidade e outras não. É possível diversas suposições e determinismos, mas são insuficientes. O eixo de diálogo entre o ego e o Self em Natascha permaneceu inteiro até nos momentos mais escuros de sua vida.

# Referências

Edinger, E. F. (1972). *Ego e Arquétipo - Individuação e Função Religiosa da Psique.* (A. U. Sobral, Trad.) São Paulo: Cultrix.

Golfeto, J. H. (1989). Psicoterapia infantil: uma abordagem Junguiana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 41*, pp. 79-94. Acesso em 16 de fevereiro de 2020, disponível em http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/21708/20461

Kampusch, N. (2010). *3096 dias.* (A. Resende, Trad.) Campinas: Verus.

Neumann, E. (1995). *A criança - Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início da sua Formação.* (P. R. Silva, Trad.) São Paulo: Cultrix.

1. Considera-se mãe como qualquer figura que venha a assumir esta função. [↑](#footnote-ref-1)
2. O sequestrador impôs uma troca de nome um ano após o sequestro, como mais uma forma de torná-la sua posse e enfraquecer sua identidade. [↑](#footnote-ref-2)